

depois de mim

emily bleeker

Tradução de Maria João Trindade



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para os meus filhos, que acreditam mais em mim
do que eu alguma vez acreditei*

ÍNDICE



JANEIRO • 11

FEVEREIRO • 47

MARÇO • 83

ABRIL • 107

MAIO • 135

JUNHO • 157

JULHO • 201

AGOSTO • 259

AGRADECIMENTOS • 325

JANEIRO



CAPÍTULO 1

Foi um belíssimo funeral. Como poderia não o ser? Natalie tinha planeado tudo, e ela sempre tivera queda para festividades. Luke e Natalie tinham ido juntos à agência funerária, mas fora Nat a tratar de tudo. Desde o cesto de donativos para a National Cancer Society às mensagens de vídeo personalizadas que tocavam incessantemente no vestíbulo, era provavelmente o funeral do ano em Farmington Hills, no Michigan.

Luke carregou no botão do comando da porta da garagem e estacionou à esquerda do monovolume bege de Natalie. Passaram por cima da já conhecida lomba dupla que significava que estavam em casa, e os miúdos remexeram-se no banco de trás.

Luke olhou para Will pelo espelho retrovisor. Tinha os olhos vermelhos e molhados, mais uma vez. Ter catorze anos já por si é difícil, quanto mais quando se perde a mãe. Ainda não tinha chegado à fase de «já não tenho mais lágrimas». Os adolescentes devem ter lágrimas a mais, por causa das hormonas.

Luke estava na fase dos olhos «já secos», o que era quase pior do que chorar descontroladamente. Pelo menos, quando estamos a chorar, ninguém faz comentários acerca de como estamos a encarar aquilo ou do facto de estarmos aliviados por ela estar «num lugar melhor». O que eles não sabem é que é muito mais fácil parecer bem do que estar realmente bem.

May levantou a cabeça devagar, como se esta pesasse dez quilos.

— Tenho fome, pai. O que é o jantar? — Às vezes, Luke ficava a pensar se May seria um rapaz adolescente, em vez de uma menina de nove anos.

Will suspirou.

— Comemos no funeral, May. O pai não tem tempo para...

— Não faz mal, Will. — Luke levantou uma mão. — A avó Terry deixou algumas refeições no congelador. Se a May tem fome, eu faço o jantar. — A mãe de Natalie tinha-se ido embora logo a seguir ao último coro de «Améns» do funeral. Não era de admirar. Nunca tinha sido grande fã de Luke. Ele estava pronto para entrar em casa sem sentir o seu olhar gélido sobre ele, como se ela achasse que ele desejara que Natalie tivesse cancro.

— Vão entrando. Eu vou buscar o Clayton.

May e Will soltaram os cintos do carro.

— Trouxeste algum daqueles *pretzels* de chocolate do almoço? Eram bons. — May enfiou o pequeno rosto entre os dois lugares da frente. O seu nariz arrebitado era da mãe, os olhos eram de Luke, e o sorriso era uma espantosa mistura de ADN dos dois.

— Credo, não finjas que foste a uma festa de aniversário — disse Will enquanto empurrava a porta do carro e depois a batia com tanta força que o carro estremeceu. Aquilo era novidade; a fúria.

— Desculpa, querida, ele não está a falar a sério. — Luke consolou May. Devia estar a repreender Will pela forma como tratara a irmã, em vez de arranjar desculpas, mas não estava com disposição para discutir. May encolheu os ombros e abriu a porta que Will lhe tinha fechado na cara. — A avó guardou alguns petiscos no armário, por baixo da ilha da cozinha. Podes comer o que te apetecer.

— Obrigada, papá. — May chegou-se para a beira do assento e saiu do carro, de um salto.

A fúria de Will era algo novo, mas não era de admirar. O próprio Luke tinha sofrido vários acessos de fúria, a começar no dia em que Natalie viera para casa, depois do *check-up* de três meses. Tinham vivido os primeiros três meses de remissão num estado de alegria e otimismo cauteloso. Um dia depois de as suas tomografias não terem acusado nada, Natalie pôs um laço amarelo magnético no carro, e três meses mais tarde o seu cabelo já tinha finalmente crescido o suficiente para não ter de lidar com olhares piedosos quando estavam em público. Durante o seu turno na Relay for Life, Natalie usou uma t-shirt roxa com a palavra «SOBREVIVENTE» impressa na frente. Estava em remissão, caramba. No entanto, o Dr. Saunders acabou com

tudo isso três meses mais tarde, com algumas tomografias e uma análise ao sangue. Pois, foi aí que Luke ficou furioso.

Luke tirou as chaves da ignição e enfiou-as no bolso, encolhendo-se quando os seus nós dos dedos raspavam no tecido das calças. A única forma que tinha de lidar com a fúria e não perder o controlo era usar o saco de boxe que tinha na cave. Da próxima vez teria mais cuidado a ligar as mãos, mas por agora a dor era uma distração bem-vinda.

Abriu a porta de trás do carro com um estalido silencioso e, por um segundo, ficou a observar Clayton a dormir. Os seus lábios desenhavam um arco de cupido perfeito, as suas pestanas praticamente invisíveis tocavam ao de leve no cimo das bochechas. *Porque é que as bochechas dos bebés dão tanta vontade de beijar, principalmente quando eles estão a dormir?* Quando soltou o cinto de cima do peito do menino de três anos, Clayton abriu lentamente os olhos.

— Papá, estamos em casa?

— Sim, querido, estamos em casa. Vamos lá vestir-te o pijama. — Luke pressionou o botão cor de laranja com o polegar, soltando as duas últimas fivelas e libertando Clayton.

— Adoro-te, papá. — Clayton estendeu os braços e inclinou-se para a frente. O seu pequeno corpo esguio deslizou facilmente para fora da cadeira e ele deixou-se cair nos braços de Luke. Fechou os olhos e voltou a adormecer profundamente. Cheirava a suor de menino e a pó de *Cheetos* — tendo os *Cheetos* sido a única forma que Terry arranjara para o manter calado durante o serviço fúnebre. Não, Luke agora não estava zangado; apenas triste — com uma tristeza no peito, nos ossos e praticamente em todas as partes do corpo.

Luke aproximou-se da porta de aço que dava para a casa, com o rapaz a dormir-lhe nos braços. A porta estava ligeiramente aberta, por isso empurrou-a com o cotovelo, entrou pela abertura minúscula e fechou-a com o pé. Os seus passos ecoaram no corredor vazio, normalmente cheio de mochilas e sapatos de criança empilhados precariamente em cestos. Sempre detestara aqueles cestos, cheios de sapatos, sapatos que o faziam tropeçar quando chegava do trabalho. Agora tinha saudades deles e daqueles aborrecimentos normais da vida.

Antes de se ir embora, a mãe de Natalie tinha limpadado a casa, de cima a baixo. A sala da frente estava vazia. A cama de hospital, os montes de revistas e as pilhas de garrafas de água meio cheias — tudo tinha desaparecido. O televisor que haviam pendurado à pressa no canto, junto à

janela da frente, desaparecera. No dia anterior, um electricista tinha lá ido antes do velório e montara-o na cave, juntamente com uma nova consola de jogos que Terry comprara, como se isso pudesse fazer os miúdos esquecerem-se de que a mãe tinha morrido. Agora, a divisão onde a sua esposa dera o seu último suspiro parecia-se com qualquer sala de estar formal: mobília de um tom branco-sujo sobre uma alcatifa bege e retratos de família na parede.

Pelo menos, o cheiro não mudara: baunilha e canela. Tinha de haver qualquer coisa aromatizada, algures a propagar aquele aroma pela ventilação. Era bom que descobrisse rapidamente o que era, porque um dia o cheiro ia desaparecer, e a casa já não cheiraria ao mesmo. Talvez Annie soubesse. Sendo a melhor amiga de Natalie, era a pessoa que mais provavelmente conheceria todos aqueles pequenos truques.

Luke respirou fundo, e o aroma a especiarias encheu-lhe os pulmões, como se pudesse alimentá-lo. Com Will amuado no quarto e May a vasculhar a cozinha, quase parecia um dia normal. Era agradável estarem sozinhos em casa, sem todos os amigos e familiares generosos, mas estranhamente prestáveis. Agora podia andar pela casa com as calças de fato de treino, sem se preocupar se o buraco que tinha na parte de trás lhe deixava os boxers à mostra.

Clayton estava a pesar-lhe cada vez mais, e os nós dos dedos e antebraços ardiam-lhe por causa da sessão noturna de boxe. Virou-se para as escadas, rezando para que a criança adormecida não acordasse antes de a conseguir deitar. À medida que se afastava do vestibulo vazio, que fazia eco, o pé escorregou-lhe em qualquer coisa, o que o levou a perder o equilíbrio e quase o fez cair. A cambalear, segurou o corpo de Clayton, numa ânsia desesperada de evitar a gritaria que acompanharia uma queda. Luke lançou um olhar fulminante a um simples retângulo de papel colorido que quase o tinha feito cair.

Normalmente, uma folha de papel solta no chão seria uma página perdida de um trabalho de casa ou um projeto de arte desenhado cuidadosamente e libertado por um íman caído do frigorífico. *Outro cartão de condolências*, pensou Luke enquanto se agachava. Clayton remexeu-se no ombro do pai. Luke segurou o envelope rígido nas pontas dos dedos e virou-o para a faixa de luz que vinha do alpendre da frente.

«Para o Luke», era o que estava escrito na parte da frente, em letras grandes e redondas. O «L» fazia uma curva em cima e de lado; o «K» era

pequeno e inclinado. Luke mordeu a língua — era a letra de Natalie. O ardor já bem conhecido das lágrimas picou-lhe o fundo dos olhos.

De onde veio isto? Luke olhou em redor, em busca de uma pista que explicasse como é que havia uma carta da sua esposa morta no meio do vestíbulo. Olhou para a aba de bronze da porta da frente. A ranhura do correio. Natalie escolhera aquela maldita porta quando tinham construído aquela casa, dez anos antes. Mais tarde, num inverno gélido do Michigan, pedira-lhe para a isolar. Ele nunca chegara a fazê-lo, em nove anos. E agora a sua esposa morta estava a comunicar com ele através da abertura.

Não. Claro que não estava. Luke abanou a cabeça e enfiou o cartão no bolso do casaco do fato. O que quer que aquilo fosse, não era uma carta da Natalie *morta*. Quando as pessoas morrem, não passam cartas pelas aberturas do correio, nem sequer vão viver num lugar mágico chamado «Céu»; simplesmente, morrem. Alguém estava a brincar com ele.

Ao mesmo tempo que Luke pôs o pé nas escadas, May saiu da cozinha a correr, ainda com o vestido preto até aos joelhos, que tinha usado no funeral.

— Pai, posso comer esta barra de cereais? — Levantou uma pequena embalagem prateada. — A mãe dizia sempre que não podia comer coisas com açúcar antes de ir para a cama, mas e se fosse só desta vez? — May falava da mãe de uma forma tão descontraída que Luke sentia que tinha levado um murro no estômago. Como podia ela ser tão forte e ele tão fraco?

— Claro, querida. — Depois, sentindo-se um pouco culpado, acrescentou: — Leva também um copo de leite contigo, está bem?

— Hã, pai? Não consigo tirar leite para mim. É muito pesado. Entorno sempre. — Enfiou no canto da boca uma ponta do cabelo castanho, que lhe dava pelos ombros. Fora um hábito que adquirira desde que o cabelo tinha comprimento suficiente para chegar ali. Natalie achara que era uma forma que ela tinha de se acalmar, mas mesmo assim aquilo enojava-a. Luke optou por não fazer caso; May bem precisava de um pouco de consolo naquele momento.

— Vou mandar o Will cá abaixo para te ajudar.

— Ele não continua chateado comigo, pois não? — Tirou a madeixa de cabelo molhado da boca e prendeu-a atrás da orelha. Luke estremeceu. *Pronto, talvez seja mesmo um hábito nojento.*

— Não, querida, não está. Está triste e, às vezes, quando estamos tristes, parece que estamos zangados.

— Hum. Está bem. — Encolheu os ombros e rasgou a embalagem com os dentes, antes de voltar para a cozinha.

— Adoro-te — gritou Luke atrás dela.

— Eu também! — gritou ela por cima do ombro.



Depois de deitar Clayton e convencer Will a ajudar a irmã mais nova a comer um petisco e preparar-se para ir dormir, Luke atirou o casaco para cima da cama e arrancou o cinto violentamente. Decidiu que podia voltar a usar o cinto, mas não o fato. Como é que alguém pode usar um fato que vestiu no funeral da esposa, sem se lembrar de... tudo? Tirou o saco do fato de dentro do *closet* e rapidamente pendurou o casaco no seu interior. Algo azul dentro do bolso chamou-lhe a atenção.

A carta. Tinha-se esquecido, ou talvez se tivesse obrigado a esquecer. Parecia a letra de Natalie e, por causa disso, pegou na carta e deixou cair o saco do fato no chão, junto com o cabide de madeira. Passou o dedo por baixo da aba do envelope, para o abrir. De lá de dentro, saiu uma folha dobrada de papel de um caderno de espiral. Bem, estava ali a confirmação. Só Natalie escreveria cartas ao seu viúvo num caderno de espiral de cinquenta cêntimos e arrancaria a página sem cortar a borda.

Luke atirou o envelope vazio para cima da cama, mas parou ao ver o seu reflexo no espelho, do outro lado do quarto. O seu cabelo loiro cor de areia continuava cuidadosamente penteado com risca ao lado, e o nó da gravata ainda lhe apertava a garganta. Parecia arranjado e composto, pronto para uma entrevista de emprego ou uma apresentação importante no trabalho. O único sinal que mostrava o quanto aquele dia tinha sido devastador era uma camada fina de barba cor de palha no queixo. Não lhe parecia bem, estar com uma aparência tão composta por fora, quando estava desfeito por dentro. Soltou rapidamente a camisa formal de dentro das calças, desapertou o nó da gravata e passou a mão pelo cabelo até desfazer a risca.

Pronto, muito melhor, pensou, voltando a avaliar o seu reflexo.

Não podia adiar mais. Com as mãos a tremer, Luke sentou-se na beira da cama, de costas para o espelho, e abriu a folha do caderno de espiral. No cimo, escrito naquela que era sem dúvida a letra de Natalie, dizia: «O dia em que for enterrada». Por baixo, havia uma mancha de texto, e as letras redondas eram-lhe tão familiares que era como se ela estivesse a sussurrar-lhe ao ouvido enquanto lia.

Querido Luke,

Ou talvez deva dizer «Caríssimo Luke» ou «Ao meu amado esposo, Luke» ou posso ser informal e dizer «Ei, Luke!». Não sei bem como é que uma senhora morta deve dirigir-se ao seu marido. Se estás a ler isto, provavelmente estou morta. Ou andas a coscuvilhar as minhas coisas, encontraste o meu diário e decidiste lê-lo. Se é esse o caso, vê se ganhas vergonha! Mas calculo que esteja morta, porque não és propriamente do tipo intrometido.

Deixa-me começar por dizer que te amo. Amo-te a ti e aos nossos filhos, mais do que alguma vez poderia expressar por palavras. A ideia de vocês estarem vivos e eu não dá-me vontade de vomitar, como quando apanhamos aquela gastroenterite logo depois de o Clayton ter nascido. Deixa-me com raiva, inveja e muitas outras emoções muito feias. Por isso, antes que eu fique toda lamechas num dia que provavelmente já foi lamechas de mais, digo só isto: eu não queria deixar-te.

Sinto-me muito melodramática ao escrever-te uma carta para abrires no dia do meu enterro. De acordo com o Dr. Saunders, tenho bastantes hipóteses de vencer o cancro, mas já me conheces: não confio em médicos. Não há mal nenhum em começar a escrever este diário, sabes, pelo sim, pelo não. Sempre quis experimentar a escrita; talvez este seja o meu primeiro passo para finalmente escrever o romance que tenho na cabeça há dez anos. Dizem para escrevermos sobre aquilo que conhecemos, não é? Pelos vistos, eu conheço o cancro, e *não* somos amigos.

Amanhã é o primeiro dia de quimioterapia. Estou tão nervosa. Não, não é por causa daquilo do cabelo, embora eu esteja sempre a queixar-me disso. Não me preocupa tanto perder o cabelo, como me preocupa perder-me a mim própria, tornar-me um daqueles pacientes fantasmagóricos de químico que vejo na sala de espera do Saunders, todos pele e osso. Hoje houve uma rapariga que vomitou ali mesmo, na sala de espera, depois do tratamento. Foi provavelmente um dos seus primeiros tratamentos, pois ela ainda tinha cabelo, ou talvez fosse uma peruca fantástica. Nota para mim mesma: perguntar-lhe onde comprou a peruca.

Queres saber a pior parte? As enfermeiras agiram como se não fosse nada de mais, como se limpar vómito do chão da sala de

espera (e das paredes e das cadeiras) fosse algo normal no gabinete de um oncologista. Pensando bem, não há alcatifas nos gabinetes do Saunders. Talvez se tenham fartado de contratar a limpeza a seco, por isso decidiram que o linóleo sairia mais económico?

Seja como for, chega de falar disso. Amanhã conto-te como correu. Esta noite, espero que dêes aos nossos filhos um beijo e um abraço extra da mãe deles. Acho que não lhes devias falar disto, para já. Pode ser assustador, pensar que a nossa mãe nos está a escrever do Céu... ou de onde quer que eu esteja. Sei que quando o *Tangerine* ficou de barriga para cima no aquário, tu lhes disseste «Quando morremos, morremos e pronto». Vou ser sincera, achei um bocado cruel. Fico a pensar se agora acharás que desapareci para sempre. Sou comida para vermes, fertilizante, bati a bota, fui desta para melhor. Bem, onde quer que eu esteja, amo-te. Tenho saudades tuas. Volto a escrever amanhã.

Beijos,
Natalie

Luke amaciou as dobras do papel contra a coxa. Não sabia o que pensar. Ao ler a carta, ouviu a voz dela na sua cabeça, exatamente como se ela estivesse sentada ao seu lado. Achou que aquilo o deixaria triste, mas, por algum motivo, isso não aconteceu. A carta deixou-o com um calor no estômago. Deu-lhe vontade de pendurar o fato, em vez de o queimar.

Dobrou o papel cuidadosamente, usando as dobras já feitas, voltou a metê-lo no envelope e pousou-o na almofada. Parecia pertencer ali. Natalie estava sempre a fazer coisas atenciosas como aquela. Uma vez, até lhe escreveu um bilhete romântico a tinta preta, na banana que lhe mandou para o almoço. Na altura, Luke achava que um bilhete romântico enviado numa banana tinha sido o modo de envio mais estranho de sempre. Até hoje. Escrever cartas depois da morte era muito mais estranho, mas ao mesmo tempo... maravilhoso. Será que ia mesmo haver outra no dia seguinte? A ideia quase o fez sorrir.

Talvez deixasse a questão do fato para outro dia. Acabou de se trocar, vestindo as calças de fato de treino esburacadas e uma t-shirt de manga comprida e pensando se iria conseguir dormir um pouco nessa noite. O luto parecia afugentar o conforto do sono, e Luke ansiava por uma noite em que pudesse deixar-se cair num mundo de sonho ditosamente inconsciente, onde a vida seria provavelmente estranha, mas certamente menos

paralisante. O médico tinha-lhe receitado uns comprimidos para dormir, mas Luke já estava praticamente habituado à insónia.

Acabou de pendurar as calças e o casaco do fato nos cabides demasiado grandes em que eles tinham vindo e passou o saco por cima deles, fechando o fecho-éclair. Olhou para o lugar onde costumava pendurar o fato, mais para a frente do *closet*, mesmo antes das camisas de trabalho de manga curta. Se ia guardar o fato, não podia deixá-lo ficar ali na parte da frente do *closet*, onde o veria sempre que se vestisse ou pegasse num par de sapatos. Teria de ir para a parte de trás, onde, ao fim de algum tempo, talvez até se esquecesse dele. Correu apressadamente para a parte de trás do *closet*, de costas para o lado de Natalie, onde os vestidos e blusas dela estavam pendurados e impassíveis, sem saber que já não tinham uma dona que os usasse.

Atualmente, a última peça no lado dele do *closet* era uma camisa havaiana demasiado grande, preta e com flores vermelhas impressas no peito. Luke empurrou a camisa para a frente para arranjar espaço e pendurou o fato nesse intervalo. Quando o gancho de metal bateu no varão com estrondo, um pedaço branco da borda do papel caiu levemente na alcatifa, como neve. Luke viu-o cair com admiração, como se fosse o primeiro floco da estação. Mas assim que este caiu na alcatifa, Luke pegou-lhe rapidamente, como se fosse derreter. Com o pedaço de papel perdido na palma da mão, Luke sentou-se no chão e encostou-se à parede maleável composta pelas roupas de Natalie. O aroma familiar a amaciador da roupa e perfume engoliu-o enquanto olhava para o pedaço de papel.

A carta não acabou com o vazio que havia dentro dele e que ardia como se lhe tivessem removido um órgão interno essencial, mas teve o seu efeito. Pela primeira vez em meses, Luke não temia o nascer do Sol no dia seguinte, pois poderia haver mais. Não fora o que ela tinha dito? Que ia escrever mais?

Ultimamente Luke tinha perdido qualquer esperança, pois achava que era um exercício absolutamente inútil que o deixava apenas amargurado. Mas naquela noite, enquanto imaginava outro envelope azul a deslizar misteriosamente pela abertura do correio da porta da frente, algo semelhante a esperança renasceu dentro dele. Luke pegou no pedaço de papel entre o polegar e o dedo indicador, esfregou-o com cuidado e sussurrou «Obrigado».

C A P Í T U L O 2

Clayton acordou antes do nascer do Sol. Luke trouxe-o para a sua cama e ligou a televisão. O momento de sossego durou apenas cerca de vinte minutos. Depois começaram as exigências.

— Papá, leite.

Luke suspirou.

— Leite, por favor? — Natalie era bastante picuinhas com a educação dos miúdos. Luke achou que devia tentar manter as coisas segundo os seus padrões.

— ‘Tá bem. Papá, leite, por favor? — ciciou Clayton, com os seus olhos suplicantes de menino de três anos a ocuparem-lhe metade do rosto. Como é que podia recusar agora?

Na sua terceira ida à cozinha, continuava a não ouvir qualquer som vindo das duas portas fechadas no corredor do andar de cima. Eram quase onze horas, e Luke começou a pensar por quanto tempo devia deixá-los vegetar naquele dia. «Todo o dia» parecia-lhe uma excelente ideia.

Desceu outro lanço de escadas, arrastando os pés. Enquanto espreitava por cima da balaustrada, algo azul saltou-lhe à vista e deixou-o com um nó na garganta. Enfiou a mão no bolso do roupão, tocando na carta que tinha encontrado no soalho de madeira, na noite passada. Ainda ali estava, com as bordas gastas do papel de caderno a servirem-lhe de consolo constante nas últimas doze horas. Uma carta teria sido suficiente, ou pelo menos era o que ele pensava até ver o novo retângulo azul, meio escondido no meio das

contas e cartões de condolências que vinham na entrega diária do correio. Agora só pensava em ter mais, mais de Natalie e do seu conforto. Ao ver por essa perspectiva, tinha a certeza de que nunca seria suficiente.

Desceu as escadas a correr, saltando os últimos dois degraus, com os pés descalços a baterem na madeira com estrondo. O sol, que refletia sobre uma nova camada poeirenta de neve lá fora, entrava pelas janelas altas e estreitas que emolduravam a porta. Luke esfregou os olhos com uma mão enquanto empurrava, com a outra, todas as outras cartas para o lado e agarrou o envelope de Natalie.

O seu nome estava rabiscado na frente do envelope, desta vez com a morada deles e um selo. Não tinha remetente. Destinatário: Farmington Hills, MI. Luke virou o envelope; na parte de trás, estava escrito «2º DIA» a letras grossas. Sem qualquer tentativa de ser cuidadoso, enfiou um dedo por baixo da aba e rasgou o envelope. Espreitou por entre a abertura irregular e olhou lá para dentro. Outra folha de caderno de espiral, com a borda virada para cima, como se estivesse a convidá-lo a dar uma vista de olhos. Luke desdobrou a carta avidamente.

A parte da frente da carta e metade do verso estavam cobertos de texto, com a letra dela. Avançando até à escada aos tropeções, deixou-se cair no segundo degrau a contar de baixo, mexendo-se para trás e para a frente para caber no degrau estreito. Não havia tempo para saborear esta carta. Tinha de a ler depressa, antes que Clayton desse pela sua ausência e que May e Will aparecessem.

Natalie tinha razão; não era boa ideia mostrar já as cartas aos miúdos. Não era a altura certa para eles, mas também não o era para Luke. Ainda não estava pronto para mostrar as cartas a ninguém, embora não soubesse bem porquê. Talvez fosse porque alguns dos seus momentos favoritos com Natalie tinham sido passados a conversar, só os dois, sobre o dia de ambos, a vida e os miúdos. Não sabia como o fazer sozinho. O papel enrugou-se nas suas mãos quando começou a ler.

2º DIA

Pronto, a químis é oficialmente horrível. Não consigo escrever muito hoje; sinto-me como se tivesse gastroenterite, tivesse sido atropelada por um carro e drogada com comprimidos para dormir, tudo ao mesmo tempo. E, a não ser que essas coisas todas tenham acontecido

sem eu saber, só pode ser da química. Faz sentido, porque a quimioterapia é, literalmente, veneno. O Dr. Saunders está sempre a dizer que é um bom veneno. Se isto não é um paradoxo, não sei o que será.

Preciso de dormir, mas espero que recebas esta carta a tempo de fazer alguma coisa hoje. Sei que estou morta e tal, mas isso não me impede de te pedir para me fazeres uns favores. Só me impede de te azucrinar até os fazeres.

Podes fazer panquecas para os miúdos? Eu sei que não és grande fã de pequenos-almoços, mas acredita, em certas manhãs (como na manhã após o funeral da nossa mãe), nada sabe tão bem como panquecas quentes, feitas por alguém de quem gostamos. Mas não é daquelas de pacote. Tens de usar a *minha* receita especial para panquecas. Escrevo-ta no verso desta carta, visto que a sei de cabeça. *Ab!* Não te esqueças que a May gosta das dela com uma cara sorridente, feita com pepitas de chocolate. Sem isso, não as come.

Deixo aqui uma ideia de loucos: talvez possas comer uma, para variar.

Dá um beijo aos miúdos. Amo-te e tenho saudades tuas.

Beijos,

Natalie

Luke virou a página, esperando encontrar outra mensagem de Natalie, mas, em vez disso, havia uma receita. Parecia bastante simples. Nas últimas semanas, tinham lá ido pessoas fazer refeições para os miúdos ou deixado refeições prontas em recipientes *Tupperware*. No entanto, Luke mal conseguia comê-las. Mesmo naqueles últimos três meses, em que eles sabiam que o fim se aproximava rapidamente, Luke dependeu bastante de cereais de pacote, macarrão e queijo e muitas bananas e palitos de cenoura, para mostrar a Natalie que estava a tentar ser saudável. Agora a pressão de se certificar de que os miúdos comiam pelo menos três refeições minimamente saudáveis por dia estava toda nos seus ombros.

— Papá! Preciso de leite! — gritou Clayton do seu quarto, fazendo eco pela entrada de dois pisos. Lá se fora a educação. Uma porta abriu-se no corredor do andar de cima.

— Pai, o Clayton está a berrar! Eu estava a tentar dormir. — Will tinha a voz arrastada, e Luke ficou a pensar até que horas teria ficado acordado o seu filho de catorze anos.

— Vou levar-lhe um copo e depois faço o pequeno-almoço. Panquecas,

parece-te bem? — Luke dobrou a carta enquanto falava, enfiou-a no envelope e colocou-a junto da outra que ainda estava no seu bolso.

Will inclinou-se por cima da balaustrada, com o cabelo desgrenhado de quem acabou de acordar, em picos castanhos que quase tinham estilo. Era parecido com a mãe, até fazia o ligeiro cecear dela, que lhe saía quando estava cansado ou distraído. Quando Will era pequeno, Luke sempre tivera um pouco de ciúmes por o filho não ser mais parecido com ele, mas agora ficava contente por isso. Gostava que os três miúdos saíssem à mãe, porque ao ver aqueles bocadinhos dela continuarem a viver neles, sentia um pouco menos a sua falta.

— Pai... — Will hesitou. — Tu não fazes panquecas.

— Bem, vou tentar. — Luke subiu as escadas, aproximou-se do filho e pôs-lhe a mão no ombro. — Sou engenheiro. Se consigo criar telemóveis do tamanho de um cartão de crédito, de certeza que consigo seguir uma receita simples.



Era quase meio-dia quando Luke encontrou todos os ingredientes da lista de Natalie. Will desistiu de esperar pelas panquecas por volta das onze e meia e comeu uma tigela de *Cheerios* antes de voltar a enfiar-se no quarto. Mas May era leal. Assim que ouviu barulho na cozinha, jurou não comer nada, até lhe aparecer uma panqueca à frente. Luke ficou comovido com a sua dedicação, mas ao mesmo tempo ligeiramente preocupado pelo facto de a pobre criança poder morrer à fome antes de lhe ir parar uma panqueca comestível ao prato.

Franziu o sobrolho ao olhar para a mistura grumosa de leite, vinagre branco, manteiga derretida e ovos. De acordo com as instruções de Natalie, devia vertê-la sobre os ingredientes secos e mexer até continuar ligeiramente grumosa. Cheirou a mistura; cheirava a *Windex*¹ e ovos. De certeza que não estava a fazer aquilo bem. Estava prestes a despejar a mistura esbranquiçada e quase talhada sobre a farinha quando a porta da garagem se abriu e fechou com estrondo.

— Olá, família Richardson. Está aí alguém? — chamou Annie. — Já não podia esperar mais.

Nos últimos três meses, Annie aparecia lá em casa todos os dias, às oito e meia da manhã. Durante algum tempo, costumava fingir que estava

¹ Produto de limpeza para vidros e superfícies. (N. da T.)

a meio de uma corrida e se lembrava de passar por lá. Quando caíram os nevões no início de dezembro, começou a aparecer no seu monovolume. Natalie e Luke fingiram não reparar. Quando Natalie já não conseguia sair da cama para abrir a porta, deram o código da garagem a Annie. Pelos vistos, as suas visitas matinais não tinham terminado com a morte de Natalie.

Apareceu ao virar da esquina, com o seu casaco de inverno até aos tornozelos e com neve nos ombros.

— Credo, está mesmo frio lá fora.

Ótimo. Uma pessoa real. Luke certificou-se de que o seu roupão estava suficientemente apertado para esconder as calças de fato de treino «com buraco no rabo» que tanto horrorizavam a mãe de Natalie. Will e May não tinham melhor aspeto. Luke gostava de, pelo menos, os ter vestido e feito passar um pente pelo cabelo. Em vez disso, Clayton estava praticamente adormecido no sofá, num coma de açúcar, causado por todos os chupa-chupas que Luke lhe dera para estar calado. Tinha pingas das cores do arco-íris a decorarem-lhe a gola do pijama com aviões.

— *Annie!* — May saltou do seu lugar em frente ao televisor e correu na direção de Annie, quase esbarrando contra a meia-parede que separava a cozinha da sala de estar. Ainda tinha vestida a sua camisa de noite de flanela branca, e o cabelo frisado à volta da cabeça, como a cabeleira de um dente-de-leão. Os miúdos estavam uma desgraça. Por outro lado, se havia alguém que compreendesse a situação, seria Annie.

— Olá, miúda. — Annie soltou um enorme «ufa» quando May lhe pôs os braços à volta do pescoço. — Como está a correr a tua manhã?

— Bem — respondeu ela enquanto Annie a pousava no chão. — O papá está a tentar fazer panquecas.

— «Tentar» é a palavra mais importante nessa frase — resmungou Luke.

— Bem, acho que tens muita sorte por teres um papá que quer fazer-te panquecas. Mesmo às... — tirou o telemóvel do bolso do casaco e olhou rapidamente para o ecrã — ... ao meio-dia. Comer o pequeno-almoço à hora do almoço parece-me uma boa ideia. O que posso fazer para ajudar?

O cabelo loiro e curto de Annie saltitou quando ela tirou a boina e a atirou para cima da bancada. Por baixo do seu enorme casaco roxo, estava a usar uma camisola desportiva de mangas compridas e calças de ioga. Será que ainda estava a tentar dar a ideia de que tinha passado por lá durante a sua corrida? Natalie teria dito alguma piada. Teria sido engraçado. Mesmo que não soubesse ao certo o que ela teria dito, aquela ideia fez com que

Luke sorrisse e ficasse com um nó na garganta. Engoliu em seco e estendeu a mistela talhada que tinha estado a mexer.

— Percebes alguma coisa disto? — Franziu os lábios ao lembrar-se do cheiro.

— Oh, meu Deus. É a receita secreta de panquecas da Natalie? — Annie aproximou-se rapidamente, observando os ingredientes em cima da bancada. — Andei anos a implorar-lhe que me desse a receita. Ela deixou-a para ti?

— Sim, está ali mesmo. — Luke apontou para a carta que estava dobrada em cima da bancada. Estava a tentar mantê-la afastada da confusão de farinha e líquidos.

— Posso vê-la? — perguntou Annie enquanto tirava a carta da bancada. Franziu as sobrancelhas claras enquanto observava a página. Luke viu-a assimilar as linhas curvas da letra de Natalie e as lágrimas a acumularem-se-lhe nos olhos enquanto lia.

Não tinha pensado propriamente em como aquilo seria difícil para Annie, estar de luto por uma amiga. Pelo menos, quando somos viúvos, toda a gente espera que estejamos tristes. Annie adorava Natalie como uma irmã; no entanto, as pessoas esperavam que ela continuasse com a sua vida como se Natalie tivesse tão pouco significado para ela como a rapariga da caixa do Wal-mart.

Embora fossem próximas como irmãs, eram completamente diferentes. Natalie tinha sido uma morena baixinha que nunca deixava que o tamanho das calças de ganga a impedisse de desfrutar de um *brownie* ou faltar à aula de *cardio*. Além disso, sempre insistira que as suas maçãs do rosto não eram suficientemente salientes para a magreza lhe ficar bem. Luke não se importava; achava as curvas dela bastante sensuais e a sua confiança mais sensual ainda. Preferia uma mulher que vestia o quarenta mas queria fazer amor com as luzes acesas, do que uma que vestisse o trinta e dois e se escondia nas sombras.

Annie, por outro lado, era loira, elegante e tinha mais vinte centímetros de altura do que Nat. Gostava das suas corridas matinais e dos seus batidos verdes, mas principalmente porque passava o dia sentada à secretária a transcrever documentos médicos. Quando Luke e Nat saíam com Annie e o marido, Brian, Luke sentia-se sempre desconfortável com o facto de os homens seguirem Annie com o olhar por toda a divisão. Brian parecia não se importar; tinha uma confiança natural que Luke invejava secretamente, e Natalie revirava os olhos, por isso Luke aprendeu a ignorar a situação.

No entanto, Natalie e Annie não queriam saber da aparência. As duas mulheres ficaram unidas desde o dia em que se conheceram numa reunião de pais, quando Will andava no jardim de infância e o filho de Annie andava no quinto ano. Annie tinha lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto quando levantou os olhos da receita escrita à mão.

— Ela era terrível. — Annie fungou e limpou o nariz com as costas da mão. Luke tentou arrancar uma folha de papel de cozinha, mas esta ficou presa no rolo e desfez-se na mão dele. Annie pegou na folha e secou os olhos. — Obrigada. — Aclarou a garganta com uma gargalhada triste. — Tens noção de que esta é exatamente a mesma receita do *findyourrecipe.com*? Palavra por palavra. Ela fez-me sempre crer que tinha algum ingrediente especial.

Luke soltou um risinho, voltando a engolir em seco.

— Então esta tigela de porcaria faz sentido para ti?

— Sim. — Semicerrou os olhos. — Se tiveres seguido bem as instruções, acabaste de fazer soro de leite coalhado. Parabéns.

— Estás a dizer-me que podia ter comprado isto? — Verteu o soro na mistura de farinhas, onde caiu com um chape.

— Pois, ali mesmo, na secção de laticínios. — Annie riu-se, atravessando o chão de tijoleira até ao frigorífico, com a carta na mão. — Vou pendurar isto aqui, se já acabaste. — Ao esticar-se para chegar aos ímanes que cobriam a porta do congelador, paralisou. — Oh, meu Deus! Luke, viste isto? No verso?

Luke sentiu arrepios nos antebraços. Tinha-se esquecido da carta. Aquilo era privado. Sem pensar, esfregou as mãos no roupão azul-escuro, deixando manchas esbranquiçadas no peito.

— Sim — foi tudo o que lhe ocorreu dizer. Queria tirar-lhe a carta da mão, escondê-la e fazer com que Annie esquecesse a mensagem íntima que estava no verso do papel, mas era demasiado tarde. Annie já estava a ler.

— Onde foste buscar isto? — Levantou a carta, com a voz a tremer quase tanto como o papel que tinha na mão.

Luke encolheu os ombros, tentando fingir que não era nada de importante.

— Veio com o correio.

— Mas diz «segundo dia» — disse Annie, com a voz a ficar aguda e esganiçada. — Onde está o primeiro dia? — Enrugou a testa, franziu o sobrolho e ficou com a respiração acelerada.

Do outro lado da cozinha, Luke conseguia ver-lhe a pulsação a bater

no pescoço, mas não queria responder a qualquer pergunta. Era normalmente um engenheiro racional, mas estava a evitar as perguntas inevitáveis que se seguiriam: quem, porquê, como? Naquele momento, só queria ter a carta novamente no bolso.

— Sou eu que tenho a primeira. — Só precisou de dar dois passos gigantes para diminuir a distância entre eles. — Mas isto é privado, Annie. Desculpa. Sei que vocês partilhavam tudo, mas preciso que isto seja só meu e da Natalie. — Estendeu a mão trémula. — É tudo o que me resta.

Estando tão perto de Annie, Luke apercebeu-se de que os seus olhos raiados de vermelho tinham olheiras negras e borratadas por baixo. Tinha a certeza de que ela já não dormia havia alguns dias. Natalie sempre dissera que a sua melhor amiga era perita em fingir que estava bem. Até àquele dia, Luke nunca tinha percebido o que ela queria dizer. As cartas talvez a ajudassem também a ela, mas ele nem sequer hesitou. Embora pudesse ser uma atitude egoísta, o assunto não era negociável. As cartas de Natalie eram para ele e apenas para ele. Manteve a mão aberta entre ambos.

— Desculpa. Tens razão. — Annie entregou-lhe a carta com um suspiro profundo e trémulo. Anuiu com a cabeça, com os olhos a encherem-se de lágrimas. No entanto, não chegou realmente a chorar, o que foi um alívio para Luke. Não sabia como confortar mais pessoas. Raios, estava a fazer um péssimo trabalho a confortar os próprios filhos. Annie não perdia nada.

Luke pensou em dar-lhe uma palmadinha no ombro, até se aperceber do quanto estavam próximos, com as testas quase a tocarem-se e a respiração de Annie a sacudir o cabelo para cima das orelhas dele. Luke voltou para trás da linha invisível que as pessoas casadas usam à sua volta quando estão na presença do sexo oposto, dobrou a carta num gesto protetor e voltou a pô-la no bolso do roupão.

— Eu... peço desculpa — disse Luke baixinho, engasgando-se com as palavras. — Só que...

Os lábios de Annie formaram um pequeno sorriso enquanto ela limpava lágrimas invisíveis do canto dos olhos.

— Não faz mal. — Respirou fundo e limpou o nariz com os bocados de papel de cozinha. Depois olhou em redor da cozinha. — Vamos pôr estas panquecas a fazer, sim?

Luke soltou o fôlego que tinha estado a suster.

— Certo. Vamos lá a isso.

Quando Annie virou costas para procurar uma frigideira adequada,

Luke empurrou as cartas mais para o fundo do bolso. *Para as manter a salvo*, pensou. Na realidade, tudo o que queria era um motivo para voltar a tocar-lhes porque, quando as tinha nas mãos, podia esquecer que ela partira. Para sempre.



Poucos minutos depois, já estavam a empilhar montes de panquecas, quase tão boas como as de Natalie. Quando a travessa sarapintada de azul ficou repleta de círculos dourados, Annie pôs a mesa com alguns pratos de papel e talheres de plástico.

— May, podes ir chamar o Will, por favor? — perguntou Luke, mas quando May tentou levantar-se, agarrou-se ao estômago.

— Desculpa, pai. Dói-me a barriga. Estou cheia de fome.

— Senta-te. Eu posso ir buscar o teu irmão. — Pobrezinha, estava faminta.

— Não faz mal. — Annie ajudou May a trepar para o banco comprido, mais perto da borda da tijoleira. — Eu trato disso. Põe essas panquecas em pratos e corta-as antes que os miúdos desmaiem. — Empurrou a cadeira de May e pegou no telemóvel, que estava em cima da bancada de granito dourado. Luke viu-a digitar e parar várias vezes, antes de voltar a pousar o telemóvel, a sorrir. — O Will diz que está a caminho.

— Espera aí; enviaste-lhe uma mensagem e ele vem mesmo? — Luke virou a panqueca de May, a que tinha o sorriso feito com pepitas de chocolate. Will nunca fazia nada à primeira vez que lho pediam, nem sequer pela própria mãe. — Acredito quando... — Passos nas escadas ecoaram por todo o piso principal.

Annie levantou as sobrancelhas, com um sorriso ligeiramente convencido.

— Não acredito que um homem que é engenheiro e ganha a vida a fazer telemóveis ainda usa um de tampa e nunca aprendeu a enviar mensagens.

— Bem, os engenheiros também fazem aviões, mas não estás à espera que tenham um, pois não? — Espetou o garfo na panqueca, sentindo-se ligeiramente culpado por conseguir fazer piadas, sequer. Não era suposto estar agora enroscado na cama, em posição fetal?

— Mas olha só como resulta. — Annie apontou para Will quando este entrou na cozinha a passos pesados, vestido com umas calças de ganga largas e uma t-shirt antiga dos Metallica, que era de Luke.

— Então, a comida está mesmo pronta? Ou sou eu que tenho tanta fome, que estou a alucinar?

— És muito engraçadinho, não és? — Annie despeneteou o cabelo de Will, depois de ele se sentar e, miraculosamente, ele deixou. Ela tinha muito jeito para adolescentes, era impressionante. O seu filho único, Matt, era ca-loiro na Universidade de Georgetown, em Washington, DC. Só tinha vindo a casa uma vez desde a orientação, e era evidente que ela sentia a sua falta. Certa vez, Brian confidenciara que tentara subornar Matt para que ele fosse para a Universidade do Michigan, para vir a casa ao fim de semana tratar da roupa suja e ver a mãe, mas ele queria estudar Ciências Políticas, pelo que Georgetown era o lugar ideal para ele.

Roupa suja. Luke olhou de relance para o seu roupão e para os chinelos velhos e maltrapilhos. Se Annie não tivesse aparecido, provavelmente nem os teria tirado o dia todo, mas há algo de motivador em ter alguém em nossa casa que não é da família. E não era só a roupa. O seu reflexo no micro-ondas mostrou-lhe o estado do seu cabelo — espetado em picos irregulares e inclinado para o lado, como a Torre de Pisa. Desligou o disco do fogão e adicionou as últimas panquecas à pilha.

— Olha, importas-te de pôr os miúdos a comer enquanto eu vou vestir algo decente? — Pousou um frasco de plástico de geleia de marca branca em cima da mesa.

— Sem qualquer problema — respondeu ela, dispondo os talheres de plástico ao lado de cada prato de papel.

— Obrigado. Não demoro. — Passou-lhe a travessa de metal cheia. — Não te esqueças, a que tem o sorriso é da May.

— Tudo bem. — Afugentou-o, sacudindo as mãos, antes de pousar a travessa na mesa e tirar Clayton do seu lugar no sofá, em frente ao televisor. Luke teria de se recompor; caso contrário, o menino de três anos em breve deixaria uma marca permanente.

Enquanto subia as escadas, Luke desfrutava do suave murmúrio de vozes que vinha da cozinha. Sempre adorara chegar a casa do trabalho e ficar à escuta, até alguém finalmente se aperceber de que estava em casa. Naquele dia, não conseguia ouvir a maior parte do que estavam a dizer, mas o tom era completamente diferente de quando a mãe de Natalie lá estava; era calmo e feliz, em vez do silêncio enervante de Terry e dos seus ocasionais episódios de choro descontrolado.

Se o pai de Natalie tivesse estado lá, as coisas teriam sido diferentes. Ele sempre fora o mais forte daquela relação. Quando morreu de ataque

cardíaco súbito, cinco anos antes, Natalie não tivera a certeza se Terry iria aguentar-se sozinha. *Porque é que os mais fortes parecem ser sempre os primeiros a partir?*

Quando os seus pés tocaram a alcatifa lisa e bebe ao cimo das escadas, um grito cortou o momento de paz. Era May, a gritar como se estivesse a ser perseguida por um monstro. A adrenalina disparou pelas veias de Luke e, sem hesitar, este desceu as escadas a correr, escorregando nos dois últimos degraus, até chegar à cozinha, desorientado e preocupado.

— May! — Os chinelos escorregaram-lhe no piso polido e escorregadio. Will estava sentado no seu lugar, a mastigar as panquecas amanteigadas com toda a calma, mergulhando cada porção numa poça de geleia. Clayton acenou e enfiou uma mão-cheia de quadrados de panqueca cortados na boca, mas May e Annie tinham desaparecido. A porta da casa de banho bateu violentamente.

— Ela não está ali dentro — gritou May do corredor. — Talvez esteja lá em cima. Vamos, Annie, vamos procurá-la.

Luke foi ter com elas ao fundo das escadas.

— Que grito foi esse, May? Estás bem?

— Sim, papá. Estava a gritar porque estou *tão* feliz. — Abanou as mãos ao lado do corpo, como uma adolescente à espera de ver uma *boysband*.

— Quase me deste um ataque cardíaco. — Luke agachou-se para olhar a filha nos seus olhos profundamente azuis. — Porque é que estás tão contente?

May mexeu-se para a frente e para trás sobre os seus pés descalços, enrolando uma madeixa húmida de cabelo à volta do dedo. Inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Ela voltou.

Luke olhou de relance para Annie, cujo rosto estava como pedra, impossível de interpretar.

— Quem voltou, querida?

— A mamã.

Luke tapou a boca com a mão, com a barba a arranhar-lhe a palma e as lágrimas a acumularem-se nas pálpebras inferiores.

— A mamã morreu, querida. Não vai voltar. — Prendeu-lhe o cabelo molhado e desgrenhado atrás da orelha, acariciando a curva suave da sua face.

— De onde veio a minha panqueca sorridente? — May deu um passo

atrás, chocando contra as pernas altas de Annie. — Só a mamã é que as faz assim. Eu sei que foi ela. Eu sei.

— Fui eu, querida. A mamã disse-me que gostavas delas assim. Achei que ias ficar contente. Desculpa, lamento tanto. — Luke esticou-se para puxar May para os seus braços, abraçá-la, encostar o nariz ao seu rosto e fazer com que tudo ficasse bem, como fazia quando ela estava a aprender a andar e bateu com a cabeça, ou quando caiu da bicicleta e esfolou o joelho. Só que May já não tinha dois anos, e aquilo não era uma ferida superficial. Ela empurrou-o e abanou a cabeça.

— Não, não. Tem de ser ela. Ela não me deixaria. Ela adora-me. Disse que ia voltar a ver-me.

— Ela quis dizer no Céu, May — respondeu Will da cozinha, com um tom de aborrecimento. — Ela quis dizer que te via no Céu. — Caminhou até ao vestíbulo, com Clayton ao colo, todo pegajoso e com geleia na cabeça desgrenhada e loira. — E o pai não acredita no Céu, por isso estás a desperdiçar o teu tempo.

— Achas que ela desapareceu para sempre? — May lançou um olhar fulminante ao pai. — Oh, papá, não. Como pudeste pensar isso? — Olhou para o pai como se tivesse acabado de descobrir que ele era um assassino. A sua expressão desmoronou e ela saiu a correr pelas escadas acima, deixando Luke atónito, ainda ajoelhado no chão.

— Eu vou falar com ela. — Annie limpou o rosto e seguiu May pelas escadas acima. Talvez soubesse o que dizer. Luke enfiou a mão no bolso do roupão e esfregou os envelopes macios entre os dedos.

— Não te preocupes. — Will passou por ele a passos pesados. — Eu dispo estas roupas pegajosas ao Clayton.

Enquanto Will subia as escadas, Luke achou que devia levantar-se e pegar ele em Clayton, dar um sermão a Will acerca da família e da coragem e dizer-lhe que perder a mãe já é difícil, quanto mais se afastarmos também a nossa família. Ou, pelo menos, dizer *qualquer coisa*, mas não disse.

Em vez disso, sentou-se no último degrau, deixando cair a cabeça sobre as mãos. Como é que achou que podia fazer aquilo sozinho? Não podiam simplesmente recuar um ano, recomeçar do zero e encontrar uma forma de salvar Natalie, porque não era assim que as coisas deviam ter acabado?

Annie desceu as escadas sem fazer barulho e deixou-se cair ao lado dele.

— Ela vai tomar um banho. Disse-lhe que vinha perguntar se podia ser.

Luke não olhou para cima, esperando que ela interpretasse o seu silêncio como uma autorização e voltasse para dar a resposta a May. Só que ela não se foi embora. Sem dizer uma palavra, pôs a mão no espaço amplo entre as omoplatas de Luke, onde desenhou círculos largos nas suas costas e deixou que um silêncio confortável os envolvesse como um manto.

Luke relaxou os músculos, e o alívio trouxe consigo as lágrimas que tinha andado a evitar durante todo o dia. Um soluço profundo saiu-lhe violentamente por entre os dedos, emergindo tão depressa e com tanta força que quase lhe doeu. Quando Luke tentou respirar, o soluço ficou-lhe preso na garganta, provocando uma série de arquejos abruptos. Porque é que tinha de doer tanto? Tivera meses — meses de antecipação. Devia estar preparado. Devia estar pronto para tudo.

Depois lembrou-se das cartas. Se tivesse aqueles retângulos azuis repletos das palavras dela, da voz dela, talvez conseguisse voltar a respirar. Sobreviver.

As lágrimas pararam, recuando para um qualquer canto do seu coração, onde tinham estado escondidas. Luke baixou as mãos e usou o ombro azul-escuro do roupão para secar o rosto. Annie, sentindo a sua mudança de disposição, arrastou a mão pelas costas dele, dando uma última palmadinha antes de voltar a pousá-la no colo.

— Porque é que não vais tomar um duche e mudar de roupa? — sussurrou ela. — Eu trato da May e da cozinha.

Luke ainda não conseguia olhar para ela, certo de que o seu rosto estava inchado e horrível de estar a chorar. Olhando fixamente para uma amolgadela desbotada no chão de madeira, pensou em recusar a oferta dela, mostrar o quanto era forte e ir até à cozinha e limpar tudo sozinho. Mas não era forte. Nem sequer conseguia aguentar um pequeno-almoço sem toda a família se ir abaixo e, já que ia deixar alguém ajudar, mais valia que fosse Annie.

— Está bem, obrigado — murmurou. Ela apoiou-se nas mãos para se levantar, e os seus passos deixaram de se ouvir à medida que subia as escadas. Assim que a porta do quarto de May se abriu e fechou, Luke esforçou-se por se levantar. Um duche e roupa lavada iriam ajudar, mas tudo o que queria realmente fazer era sentar-se, reler as cartas e viver mais um bocadinho num mundo em que Natalie ainda era viva.